

ETNOGRAFIA EM MOVIMENTO COMO POSSIBILIDADE PARA A INTERPRETAÇÃO DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DA NATUREZA

ETHNOGRAPHY IN MOVEMENT AS A POSSIBILITY FOR THE INTERPRETATION OF THE NATURAL AESTHETIC EXPERIENCE

Valéria Ghislotti Iared¹

RESUMO

A caminhada é um meio metodológico emergente nas ciências sociais que afetivamente e espacialmente expande o potencial de interpretação fenomenológica das dimensões incorporadas da experiência vivida em diferentes ambientes e seus contextos. Neste estudo etnográfico da sensível, examinamos como o movimento através da caminhada no Cerrado é uma ontologicamente e epistemologicamente gerador na produção corporal de significados ambientalmente afetivos. Para esse fim, um grupo de oito pessoas, já conhecido pela pesquisadora, foi convidado a fazer uma caminhada de três horas no Cerrado. A pesquisadora acompanhou e testemunhou a experiência de quatro pessoas (entre as oito). Para representar os sentimentos e as emoções desta experiência, quatro (eco) narrativas descrevem a experiência estética desses quatro participantes. A partir dessas narrativas, foram elencadas quatro respostas afetivas durante a caminhada: a-) variações de flora e fauna; b-) mosaico de paisagem; c-) clima e estação e d-) detalhes e imensidade do Cerrado. Neste estudo sobre a experiência estética do Cerrado, é enfatizado a contribuição eco / somaestética para uma ética ambiental da educação ambiental. Outras técnicas de coleta e análise de dados são recomendadas para abranger a dimensão (eco)política dos participantes.

Palavras-chave: Etnografia sensorial. Educação ambiental. (Eco) fenomenologia.

ABSTRACT

Walking is one methodological means emerging in the social sciences that affectively and spatially expands the potential for phenomenological interpretation of the embodied dimensions of lived experience in different

¹ Professora Adjunta do Departamento de Biodiversidade da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil. E-mail: valeria.iared@ufpr.br

environments and their contexts. In this sensuous ethnographic study, we examine how movement through walking in the Cerrado (Brazilian savannah) is ontologically and epistemologically co-generative in the bodied production of environmentally affective meaning-makings. To that end, a group of eight people, already known by the researcher, was invited to do a three-hour walk in the Cerrado. The researcher accompanied and witnessed the experience of four people (out of eight). In order to represent the feelings and emotions of this experience, four (eco)narratives describes the aesthetic of experience of four participants. From these narratives, four affective responses were listed during the walking: a-) flora and fauna variations; b-) landscape mosaic; c-) weather and season and d-) details and immensity of the Cerrado. In this inquiry into the experience of the Cerrado, it is emphasized the eco/somaesthetic contribution to an environmental ethics of environmental education. Other techniques for collecting and analyzing data are recommended to encompass the (eco)policy dimension of participants.

Keywords: Sensory ethnography. Environmental education. (Eco) phenomenology.

MOVIMENTO E VIRADAS NO PENSAMENTO

Um desafio teórico e metodológico emergente para a pesquisa em educação ambiental é incorporar as dimensões afetivas das experiências somaestéticas² de vários ambientes em investigações pedagógicas (PAYNE, 2003). Pautado em orientações filosóficas como a virada corporal (SHEETS-JOHNSTONE, 1999) e a virada afetiva (CLOUGH; HALLEY, 2007), o presente estudo se propôs a compreender as experiências estéticas no-do-com³ o Cerrado.

O movimento reside no “núcleo” da experiência e do vínculo com o mundo (JOHNSON, 2007; INGOLD, 2011). O movimento, concebido como o piscar do olho, subir ou descer uma colina, correr na brisa, o balanço dos galhos de uma árvore, ou um rio que segue o seu fluxo, engloba “significados” e afetividades na experiência de ser humano na natureza. A fenomenologia da caminhada vem atraindo interesse filosófico (SHEETS-JOHNSTONE, 1999) nos mais variados contextos de investigação, como por exemplo, interpretações de jardinagem (COOPER, 2006) ou vivências nos espaços urbanos

2 Essa concepção é coerente com a ideia do meaning-making, ou seja, não há separação entre processos perceptivos e cognitivos e entre experiências estéticas, reflexões éticas e posicionamento político.

3 O símbolo “no-do-com” se refere a indissociação entre esses conceitos, o que é coerente com a proposta filosófica na qual estamos nos baseando.

(MYERS, 2011) ou andanças na natureza (WYLIE, 2005). No entanto, o acesso à realidade da natureza e seus ambientes socialmente construídos é problemático, assim como representá-los (THRIFT, 2008). Metodologicamente, o caminhar está emergindo como uma alternativa de coleta de dados para gerar interpretações das relações ser humano~ambiente (PINK, 2008; SLAVIN, 2003; WYLIE, 2005), incluindo as interações estéticas~éticas~políticas (PAYNE, 2014; RODIGUES, 2015) entre cultura~natureza.

De acordo com Johnson (2007), Ingold (2000, 2011), Sheets-Johnstone (1999), entre outras/os, a forma como percebemos e atuamos no mundo emerge através das nossas capacidades sensoriais. Essa capacidade corporal de engajamentos sensoriais no mundo não pode ser compartimentada ou desagregada de forma a tratar cada sentido isoladamente e de forma independente. Em vez disso, no nível fenomenológico de interpretação e descrição, extraímos a concepção de sinestesia e somaestética, os quais foram tratados por Merleau-Ponty (2006) e são proeminentes na teoria contemporânea (GALLAGHER, 2005; SHUSTERMAN, 2008; SULLIVAN, 2011; SHEETS-JOHNSTONE, 2009). Efetivamente, esses conceitos identificam o entrelaçamento das modalidades sensoriais quando se relacionam com os ambientes nos quais as pessoas fazem sentido através do ser, mover, morar e se tornar (*meaning-making*). Para acessar e interpretar esses significados pré-discursivos de nossos encontros corporais com o mundo, precisamos investigar como esses movimentos constituem nossa percepção corporal e, conseqüentemente, nosso ser ético e político.

Iared, Oliveira e Payne (2016) argumentam por uma fenomenologia do movimento "ecologizada", ou seja, "menos antropocêntrica" encorajada pelas novas *epistemologias ecológicas* (STEIL; CARVALHO, 2014) que problematizam a não simetria entre humanos e não humanos. Ao tentar incorporar os movimentos de pensamento não antropocêntricos nas interpretações do caminhar em vários ambientes, o presente estudo apresenta e discute uma alternativa metodológica na pesquisa em educação ambiental que já vem sendo incorporada em outros campos das ciências sociais e humanas (por exemplo, HOTTON, 2015; PHILLIPS, 2016; PINK et al., 2010). Esse desafio de incorporar o movimento e a afetividade levanta questões metodológicas importantes sobre "acessar" a riqueza e a profundidade dessa experiência vivida, bem como, "representar" o

que é não é experienciado e transformado em palavras e números. Seguindo a teoria não representacional de Thrift (2008), inúmeros estudos (HOTTON, 2015; PAYNE, 2013; PINK, 2007, entre outros) estão buscando coletas, descrições e análises de dados que buscam estar em consonância com a virada corporal, a virada afetiva e as novas epistemologias ecológicas.

Canaparo (2009) enfatiza a importância da geo-epistemologia para a compreensão dos “locais de conhecimento”. Segundo o autor, qualquer geo-epistemologia é construída a partir de uma mistura de fatores demográficos, geográficos, históricos, linguísticos, sociais, tecnológicos, culturais, globais e ecológicos. Essa perspectiva nos parece fundamental para compreender o significado das experiências no Cerrado, que é a segunda maior vegetação no Brasil, mas, historicamente e culturalmente, tem baixo valor estético (BIZERRIL, 2003; 2004; DUARTE; THEODORO, 2002; GOMES, 2008). O Cerrado, embora seja uma área prioritária para a conservação, é considerado o bioma brasileiro mais ameaçado devido a espécies exóticas; caça, e desmatamento por diversas razões, mas, principalmente, expansão agrícola e urbana (BRASIL, 2007; DUARTE; THEODORO, 2002; GOMES, 2008, KLINK; MACHADO, 2005; NEPSTAD ET AL., 1997).

Partindo do pressuposto de que o movimento é ontologicamente, epistemologicamente e metodologicamente gerador de afetividades e, simultaneamente, o corpo em movimento responde às afetividades em relação ao ambiente, entendemos que o movimento deve ser compreendido no seu nível experiencial. Logo, essa investigação objetivou testemunhar as respostas afetivas de quatro pessoas que caminharam no Cerrado durante uma manhã. Com a preocupação de não generalizar essa caminhada, mas ao mesmo tempo percebendo o potencial de transferibilidade para vários outros corpos, coisas, eventos, episódios, configurações e contextos, o manuscrito apresenta e abre a discussão para alternativas metodológicas no campo da educação ambiental que tenham por foco a experiência estética da natureza. De importância metodológica aqui, portanto, é como a pesquisa *ecofenomenologicamente* (PAYNE, 2013) enquadrada pode contribuir para o avanço da pesquisa em educação ambiental no contexto dos movimentos “pós”: pós-modernismo, pós-humanismo, pós-fenomenologia, pós-estruturalismo, etc. (HART, 2005, 2013). Neste estudo sobre a experiência estética do Cerrado, é

ênfatisada a contribuição eco/somaestética para, possivelmente, uma ética ambiental da educação ambiental. A dimensão da trajetória e engajamento (eco)político no âmbito individual e coletivo requer um estudo com outras técnicas e não foi realizado e, portanto, é uma limitação deste estudo que nós destacamos antecipadamente.

DESENVOLVIMENTO DA INVESTIGAÇÃO

Ao analisar a literatura que apoia o uso da metodologia de caminhada, não identificamos um roteiro único ou padrão a seguir. Logo, delinee⁴ um roteiro de pesquisa e procedimentos segundo nosso contexto geo-epistemológico da localização do conhecimento. Com base em nossa própria experiência, em 2012, listei quatro grupos de pessoas em nossa cidade (São Carlos-SP) que visitavam regularmente o Cerrado. Uma mensagem virtual foi enviada para os grupos com a finalidade de convidar as/os participantes para fazerem parte da pesquisa que tinha como foco investigar as vivências e vínculos afetivos com~no~sobre o Cerrado.

Dezessete pessoas aceitaram o convite, assinaram um termo de consentimento e foram entrevistadas entre junho e dezembro de 2012. Devido à proximidade e facilidade de acesso ao Cerrado por estar dentro de uma universidade pública do município, o perfil do grupo participante foi essencialmente acadêmico, ou seja, todos tinham um vínculo (empregatício ou estudantil) com a Academia. As entrevistas semiestruturadas duraram 40 minutos, em média, e foram todas realizadas fora do Cerrado. As transcrições das entrevistas foram devolvidas aos entrevistados com um convite para adicionar ou modificar a transcrição. Após essas devolutivas, os dados foram sistematizados na forma de uma tabela, a qual foi enviada aos participantes com a finalidade de verificar se minha representação/interpretação era condizente com o que elas/es sentiam/percebiam em relação ao Cerrado. Dois anos depois, após um aprofundamento teórico, entramos em contato os mesmos 17 participantes, convidando-as/os para caminhar no Cerrado. Dos 17, oito estavam disponíveis por uma única caminhada de 3 horas por dia no período de primavera de novembro de 2014.

O sábado escolhido amanheceu nublado e agradável, em torno de 25 ° C. Cerca de 10h, o sol apareceu e a temperatura aumentou.

4 Vou optar por escrever em primeira pessoa, para ser coerente com a proposta de que eu, como pesquisadora, estava com meu corpo engajado em todas as etapas da investigação.

Tal dia é considerado bom para as atividades no Cerrado, uma vez que o clima quente e seco é determinante nesse bioma. A rota, o tempo da caminhada e seu ritmo foram definidos pelos participantes. No início da caminhada, entre as oito pessoas eu escolhi quatro para acompanhar (Cassandra, Davi, Elvira e Frederico). O fato de escolher apenas quatro pessoas deu-se pela própria limitação da pesquisadora em acompanhar atentamente os oito participantes. Essa escolha se deu pelo ritmo da caminhada, ou seja, procurei logo no início, identificar e selecionar respostas afetivas que pareciam se configurar de maneiras diferentes (uma pessoa quieta e atenta, uma que caminhava e conversava, outra que fotografava e outra que parecia perplexa de tanto encantamento). Após as três horas de caminhada, houve uma discussão para o fechamento do que foi aquela vivência.

Segundo James (2006), em tempos pós-modernos, a teoria é dinâmica, assim como o mundo. Para o autor, a comensurabilidade na pesquisa requer assumirmos diferentes camadas da realidade (*layers of reality*), sendo que cada camada solicita um tipo de abordagem e uma linha de autores. Esse aspecto parece ser interessante em James (2006) no sentido de que ele não propõe ficarmos presas a um conceito teórico, pois temos uma realidade complexa para desvelar e, muitas vezes, um/a autor/a e uma teoria não contemplam essa profundidade. Sendo assim, o delineamento da análise de dados passou por dois momentos: a-) uma descrição individual da experiência estética da cada participante e b-) sistematizar respostas afetivas que emergiram durante a caminhada.

Durante a caminhada, procurei me colocar como participante da experiência estética e testemunhar junto com as pessoas o que o Cerrado tinha a nos oferecer naquele dia. Não houve registro em forma de gravador, sendo que eu apenas anotei algumas palavras-chave que serviram de base para uma descrição detalhada de cada um dos quatro participantes. Ou seja, no mesmo dia, foram elaboradas quatro descrições isoladas das respostas afetivas da experiência de caminhar no Cerrado. A partir dessas descrições, foram redigidas⁵ quatro *narrativas ecopoéticas* como uma alternativa para descrever a experiência em uma visão menos antropocêntrica (PAYNE, 2013).

5 A redação das narrativas foi um processo que exigiu tempo, já que ela foi modificada várias vezes após a primeira versão. As narrativas, ao contrário das entrevistas, não foram devolvidas às/aos participantes.

Nosso desafio foi pensar quais outras formas poderiam contribuir para nos aproximar de uma experiência que é emotiva e acontece sem linguagem verbal.

DESCRIÇÕES INDIVIDUAIS DA EXPERIÊNCIA DOS CAMINHANTES

Este tópico descreve, por meio das narrativas eco-poéticas, cada participante caminhando na natureza. O movimento trouxe respostas afetivas particulares para cada participante e descrever a experiência individual é um passo importante para gerar interpretações, entendimentos e explicações da experiência sensorial para que o caráter da transferibilidade para outros corpos em movimento e geo-epistemologias esteja presente. Para cada narrativa, buscou-se destacar o potencial da caminhada como geradora de sentimentos e emoções enfatizando como os vários sentidos foram desencadeados pelo fato do corpo e mundo mais que humano estarem em movimento.

1) A delicadeza do Cerrado encanta Cassandra

Era um dia nublado, mas de alguma forma, isso é bom para uma caminhada, uma vez que o sol e o calor seco podem tornar o exercício muito cansativo no Cerrado. Além disso, a estação chuvosa de novembro permite o crescimento, germinação e floração de muitas plantas no Cerrado. Cassandra foi a primeira a ser tocada pela beleza da vegetação naquele dia. Quando Cassandra entrou na área do Cerrado, ela vislumbrou a paisagem e ficou encantada com a visão: "O Cerrado não tem sido tão verde há muito tempo!". Ela tinha uma câmera e capturar as imagens era apenas uma tentativa de lembrar o que o Cerrado significava naquele dia. Caminhando sozinha e, cuidadosamente, buscando os detalhes do arbusto ao lado do aceiro, Cassandra ficou curiosa sobre os nomes das plantas e vestígios de animais. Ela estava contemplando a paisagem, investigando o arbusto, tocando as folhas da planta, cheirando as flores e tirando fotos. Em um ponto, ela desapareceu da minha vista para entrar no mato para encontrar outras flores. Em outro ponto, ela avistou uma flor colorida e parou. Após alguns segundos, Cassandra lembrou que era a mesma planta que tinha encontrado antes, mas, por estar fechada, a flor tinha uma coloração diferente. Para ela, foi maravilhoso o fato

de que, quando perto, a flor é vermelha e quando aberta, a flor é branca e vermelha. Isso mostrava quão delicadas são as flores no Cerrado! Seu desejo era poder ter todo esse jardim em seu quintal. Enquanto caminhávamos pelo aceiro, Cassandra comeu muitas frutas típicas do Cerrado. Ela estava comparando as folhas, troncos, flores e frutas. Ela foi em um ritmo lento quase todo o percurso, mas ao alcançar um bosque de eucaliptos ao lado de uma área de construção, Cassandra reclamou da quantidade de lixo e passou a caminhar mais rapidamente e a conversar com outros participantes. Durante uma discussão pós-caminhada, Cassandra comentou que estavam se divertindo no~com o Cerrado. Isso foi muito melhor do que estar em um shopping center e as/os educadoras/es ambientais deveriam fornecer mais ações como essa.

2) O silêncio contemplativo de Davi

Davi foi o primeiro a chegar no ponto de encontro. Davi começou suas observações antes de entrar na área do Cerrado. Tirou a câmera da bolsa e fotografou as árvores e flores enquanto os outros estavam chegando. Nós começamos nossa caminhada e Davi era o mais silencioso do grupo, andando sozinho, separado do grande grupo. Estar afastado dos outros participantes possibilitava outros encontros como "ouvir o silêncio" e mergulhar na imensidão da paisagem. O tempo todo, ele estava atento aos pássaros e, quando ouvia uma batida das asas ou canção vinda do céu, olhava para cima instantaneamente à procura do autor daquele som. Muitas vezes, durante a caminhada, ele era o único a prestar atenção aos pássaros. Davi, ora à frente, ora atrás do grupo, continuava andando sozinho, cheirando e tocando as folhas e troncos. De vez em quando, parava com um olhar curioso, fazia perguntas aos colegas sobre nomes e curiosidades do Cerrado e tirava fotos. A primavera nos forneceu alguns presentes naquele dia e um deles era a diversidade de frutas. Davi aproveitou a oportunidade para tentar frutas que nunca tinham comido e provar outras que ele já conhecia e gostava. Em um certo ponto, ele entrou mata adentro com outro participante (Frederico), enquanto o restante do grupo permaneceu no aceiro. Às vezes, Davi observava os detalhes, às vezes, a paisagem, às vezes olhava para o céu e, às vezes, para o chão. Quando entramos em uma área de construção e plantio de eucalipto, Davi fez uma intervenção na fala

de Elvira que reclamava dos eucaliptos por não serem originais do Brasil. Para ele, essas plantas não podem ser culpadas por estarem fora do ambiente delas: "elas não sabem que são exóticas", disse Davi. O grupo estava andando mais rápido no bosque de eucaliptos. No entanto, apesar do ritmo da caminhada de Davi também ter acelerado, ele ainda estava observando as árvores e olhando para o céu, não tocando e cheirando mais, mas sempre atento às paisagens. Já no fim da caminhada, alcançamos outra área do Cerrado, não tão preservada e o sol saiu. Eu suspirei aliviada e agradei o dia de sol. Davi me perguntou por que estava preocupado com o clima, porque ele participaria da caminhada mesmo em caso de chuva. Durante a discussão pós-caminhada, Davi comentou que nosso ensino e aprendizagem são muito escolares, ou seja, ligados a momentos e lugares específicos. Ele disse que simplesmente aprendemos com nossa experiência e não com a experiência do outro. E essa caminhada foi uma experiência de aprendizagem.

3) A história de Elvira é sua história com o Cerrado

Elvira dedicou muitos anos à conservação da área do Cerrado. Eu sei o quanto ela estava envolvida politicamente em um debate sério sobre a importância do Cerrado. Além disso, ela tem sido há mais de 10 anos monitora ambiental nessa área. Para nós duas, estar entre amigos foi um prazer. Elvira entrou na área do Cerrado rindo e ao passar pelo portão, havia uma pegada de veado que era o primeiro ponto de admiração de Elvira. Seu grito de exclamação aproximou outros para ver. Elvira parecia encantada em saber que os veados circulavam tão perto da entrada. Elvira não estava andando sozinha como Cassandra, Davi e Frederico. Em vez disso, ela estava no grande grupo conversando, mesmo assim andava atenta aos arbustos pelos quais passava. Em um ponto, Elvira parou de repente para assistir e tocar uma flor. A delicadeza daquela flor fez Elvira se dedicar a observá-la por alguns minutos. Ela gostaria de uma foto para manter essa imagem com ela. Na verdade, uma imagem não era suficiente, porque não podia traduzir a textura dessa flor, "um pingente para meu colar!", disse ela, "seria uma boa maneira de tê-la comigo". Chegamos a uma encruzilhada com quatro rotas disponíveis e Elvira deu uma sugestão que o grupo concordou. Ela manteve liderando um grupo de quatro pessoas, como se fosse a monitora de sempre,

apontando alguns aspectos da visão que eram diferentes, como uma folha de veludo, muito comum no Cerrado. Muitas vezes, ela chamou as pessoas para ver outras frutas típicas, que não eram fáceis de comer uma vez que eles tinham uma casca rígida e grossa para quebrar. Nós nos aproximamos de uma área de construção e Elvira começou a pegar o lixo e colocá-los em uma bolsa. Passamos por um bosque de eucaliptos e Elvira comentou que costumava apreciar essa área quando era criança. Ela sentiu pena quando descobriu que o eucalipto não era bom no Brasil, uma vez que eles não são nativos. Ela encontrou um fruto de eucalipto e fez um brinquedo com o qual ela jogou por alguns segundos. Durante o bosque de eucaliptos, Elvira caminhou mais rápido e não se interessou mais pela paisagem até chegar à outra área do Cerrado. Ela sentiu pena quando observou que havia espécies não nativas na outra área de Cerrado. Para ela, isso indica que a área não estava 100% preservada. De qualquer forma, ela desacelerou o passo, começou a tocar e cheirar as folhas e flores novamente... O sol saiu quando estávamos no final da caminhada, o que a lembrou que era melhor andar no Cerrado em dias nublados. Não estávamos cansados e o ar úmido contribuía grandemente para a sensação de leveza e não de exaustão no final da caminhada. O portão de saída estava bastante perto quando Elvira viu novamente uma pegada de veado (mas outra diferente), ela brincou e ficou feliz por termos feito a mesma rota que o animal.

4) A paixão de Frederico

Assim como Elvira, Frederico é guia ambiental nessa área. Ele não estava tão politicamente envolvido como Elvira, mas posso dizer que ele vai ao Cerrado quase todos os dias como guia ou como pesquisador desde que seu estudo de campo está lá. Quando entramos na área do Cerrado, Frederico estava concentrado no arbusto ao lado do aceiro. Ele pegou sua câmera e continuou a fotografar toda a rota. Ele estava caminhando sozinho, separado do grande grupo e quando viu algo interessante, ele chamou os outros, incluindo Cassandra e Davi para apreciar. Os três estavam caminhando um pouco isolados dos outros. Cada um imerso na sua própria experiência. Frederico não teve medo de entrar no mato enquanto os outros continuavam caminhando no aceiro. Ele desapareceu dos meus olhos muitas vezes e tive que olhar e esperar por ele. Ele adentrava a mata e voltava

alguns minutos depois, então durante toda a caminhada, Fred era o último no grupo. Em um desses pontos, ele entrou no mato e voltou com dois frutos típicos do Cerrado. Os outros colegas o agradeceram por trazer e compartilhar um sabor tão doce. Em certo momento, Cassandra, Davi e Frederico entraram juntos na mata. Frederico era um especialista em Cerrado. Além de sua experiência diária no meio da mata, ele lê muito sobre esse assunto. Cassandra e Davi aproveitaram a oportunidade para conversar sobre as curiosidades do Cerrado: nomes das plantas, comportamentos dos animais, estações do ano e relações ecológicas. Durante toda a caminhada, Frederico estava atento aos vestígios dos animais, como as pegadas e os buracos nos terrenos que indicam a presença de cobras. Chegamos a um bosque de eucaliptos e Frederico andava mais rápido do que antes. Além disso, ele não estava mais entrando na floresta, mas ele ainda estava prestando atenção na paisagem, olhando para o céu para encontrar pássaros ou apenas para vislumbrar a magnitude das árvores. Saímos do bosque de eucaliptos para entrar em uma outra área preservada do Cerrado. Os passos de Frederico ficaram lentos novamente e ele provou algumas frutas desconhecidas. Elvira riu e perguntou se não tinha medo. Ele comentou que conhecia alguém que provou todas as frutas no Cerrado e estava vivo, assim ele poderia fazer o mesmo. Durante a discussão pós-caminhada, Frederico disse que era a primeira vez que ele estava no Cerrado para uma atividade espontânea, ou seja, não como um guia ambiental ou como pesquisador e ele apreciou a oportunidade de estar livre observando o que ele quisesse.

CONVERGÊNCIAS E DIFERENÇAS

Uma outra camada de análise é mudar o foco da interpretação para aspectos-chave do ambiente que proporcionaram as afetividades descritas anteriormente, ou, em outras palavras, envolvimento sensorial provocado pelo corpo em movimento. Com base nesse olhar, quatro temas emergiram do nosso corpo engajado durante a caminhada e da interpretação dos dados obtidos através das narrativas: 1-) Variações de flora e fauna; 2-) Mosaico da paisagem; 3-) Clima e estações do ano e 4-) Detalhes e imensidão do Cerrado.

1) *Variações de flora e fauna*

De acordo com Ingold (1993), um lugar é caracterizado pelas experiências que oferece (sons, cheiros, paisagens) para aqueles que se demoram por lá. As texturas de folhas e troncos são muito típicas no Cerrado e essa é a razão pela qual os participantes caminharam e tocaram regularmente nas plantas. Esta atenção corporal aos detalhes e texturas, também, ocorreu no estudo de Wylie (2005).

O Cerrado não está cheio de flores, então, quando avistamos uma, nos demoramos, ficamos encantados, especialmente pela diversidade de cores. Como percebido, Cassandra e Elvira viram o quão sublime é uma flor. Lefebvre (2004) e Widlok (2008) afirmam que a floresta se move de maneiras inumeráveis: pelo balanço das árvores, pela florescência, pelo voo dos pássaros e insetos. Esses movimentos são apenas lentos em relação ao nosso tempo, ao nosso corpo e à medida dos nossos ritmos (LEFEBVRE, 2004). Ao caminhar, podemos ver a presença dos animais uma vez que os encontramos ou percebemos seus vestígios. Davi ouviu muitos pássaros ao longo do percurso, enquanto Frederico e Elvira viram pegadas e outros sinais. É difícil ver os mamíferos, então nós buscamos seus rastros apenas para sentir sua presença. Os animais também estão em movimento, então os corpos humanos são apenas um dos elementos complexos quando se considera o senso móvel do lugar (EDENSOR, 2010). Os animais estavam "caminhando conosco", não intencionalmente ou lado a lado, mas é importante considerar a caminhada como um atividade social que não é somente humana, ou seja, relações sociais que superam a divisão entre humanos e animais (INGOLD; VERGUNST, 2008).

2) *Mosaico da paisagem*

Ingold (1993) afirma que a experiência na paisagem é uma jornada feita através do movimento do corpo e da visão gradualmente em mudança ao longo desta rota. Para Wylie (2005), há *diferentes níveis* ao longo do percurso - níveis de luz, cor, textura, som, morfologia. Como Merleau Ponty (2006) argumenta, eles não são objetos a serem percebidos e sim o que nos faz perceber.

Durante a caminhada, passamos por mosaicos na paisagem: Cerrado mais e menos preservado e por um bosque de eucalipto,

cultivado para a fabricação e comercialização de papel. O eucalipto já era conhecido como não nativo pelas/os participantes que também sabiam do impacto ambiental causada por este tipo de plantação. Além disso, o eucalipto é uma monocultura, então há menos biodiversidade do que na área do Cerrado. Todas/os as/os participantes caminharam mais rápido através dessa área nas suas caminhadas. No entanto, Davi fez uma observação importante ao dizer que *eles não sabem que são exóticos* enquanto Elvira fazia um brinquito de um pedaço de eucalipto que lembrou sua infância. De qualquer forma, a interação entre as/os participantes e a vegetação foi totalmente diferente. Davi e Frederico foram os únicos participantes que ainda observaram a vegetação, mas nenhum deles tocou nas árvores.

A resposta afetiva ou o pertencimento espacial também foram identificadas pelo ritmo ambulante dos participantes, uma vez que a velocidade e o ritmo são moldados por um senso de lugar móvel (EDENSOR, 2010). Ingold (1993) enfatiza o tempo e a paisagem como pontos essenciais da experiência. Ele usa o termo “*perspectiva do habitar*” (*dwelling perspective*, em inglês) para argumentar que a paisagem é um testemunho de predecessores e gerações passadas que viveram e trabalharam lá, deixando algo de si mesmos. Ao adotar essa perspectiva, Ingold (1993) privilegia o entendimento de que as pessoas se formam a partir de seu envolvimento cotidiano vivido no mundo.

Nosso argumento aqui é que as/os participantes são habitantes do Cerrado e ao se moverem para uma área que causa impacto ou não é Cerrado, o ritmo da caminhada aumentou e o olhar atento e cuidadoso diminuiu. Identificamos uma identidade profunda ao se moverem no Cerrado, o que não aconteceu na área de eucalipto. Seguindo o mesmo argumento, Myers (2011) identificou que os sentidos de pertencimento são produzidos através de práticas de criação de identidade que fazem parte das experiências cotidianas.

Ingold (2000) afirma que a posição do seu corpo físico está diretamente relacionada à nossa experiência corporal. Assim, a maneira como escolhemos mover nosso corpo através da paisagem é a resposta à nossa imersão nele e como posicionamos nosso corpo está conectado a nossa percepção e respostas afetivas. À medida que chegamos a uma área parcialmente preservada onde existiam espécies não nativas no Cerrado, Elvira estava frustrada. Este é

um ponto-chave para ela e para outros que conhecem os aspectos ecológicos do Cerrado porque houve uma deterioração por plantas invasivas. Seguindo a perspectiva de Ingold (1993, p.152, tradução nossa), podemos dizer que o Cerrado “conta – ou melhor, é - uma história”, construída pelas relações entre humanos e não-humanos. O autor acrescenta que os limites da paisagem são feitos por humanos e não humanos que experimentam e reconhecem o espaço.

3) *Clima e estações do ano*

Edensor (2010) argumenta que aspectos da temporalidade fornecem um componente importante no ritmo de caminhada. Além do espaço e do lugar, conjunturas particulares, como clima e estações do ano, fazem parte da experiência da caminhada como identificamos neste estudo. Cooper (2006) também discute como a estação e o clima, como características móveis, influenciam a percepção e o engajamento corporal nos jardins.

Sendo de clima quente, o Cerrado é conhecido por sua vegetação adaptada ao clima seco. O sol e o calor são fatores importantes a serem considerados quando estamos em atividade no Cerrado. Este fator não foi muito falado, porque a caminhada foi agendada propositalmente às oito horas da manhã. O dia estava nublado e o sol saiu às dez horas da manhã. Eu estava preocupada com a possibilidade de chuva, mas a maneira como Davi me perguntou por que eu estava tão ansiosa foi instigante. De acordo com Vergunst (2008), os percursos da caminhada não são planejados e podem acarretar emoções positivas ou negativas. As respostas estéticas mudariam durante um dia de chuva e sugerimos outro estudo para investigar ou comparar, uma vez que os contrastes em movimento são experimentados de forma relacional (VERGUNST, 2008).

Da mesma maneira, a experiência estética seria diferente em outra estação do ano. Enquanto estávamos nos movendo, encontramos e provamos duas frutas típicas do Cerrado. Para aqueles que estavam reunidos lá, provando esses sabores, foi uma experiência particular do lugar que normalmente não aconteceria se não fosse a estação certa para essas frutas. Pink (2008, 2009) afirma a importância do conhecimento sensorial para o pesquisador em técnicas etnográficas que incluem práticas alimentares produzidas através da partilha de gostos. Concordamos com a autora, porque

os sabores do Cerrado foi outra possibilidade oferecida por essa experiência que motivou o corpo incorporado no Cerrado. Em certo sentido, então, os frutos estão dentro do movimento do ciclo de vida e também somos incorporados neste mundo móvel e dinâmico como habitantes (INGOLD, 2000, 2011).

Como já foi dito, toda a materialidade do Cerrado está em movimento, assim, caminhar é "fazer um caminho através de um mundo em formação, em um movimento que ritmicamente ressoa com os movimentos dos outros ao nosso redor - cujas viagens compartilhamos ou cujos caminhos cruzamos" (INGOLD; VERGUNST, 2008, p.2, tradução nossa). Devemos perceber as sombras, frutas e troncos como convites (WIDLÖK, 2008) para parar e compartilhar nossa convivência.

4) Os detalhes e a imensidão

Nosso corpo engajado sentiu o Cerrado através da paisagem ou através dos detalhes. Quando Cassandra entrou na área, o primeiro comentário foi sobre o impacto da cor da paisagem: "O Cerrado não tem sido tão verde há muito tempo!". Quando os participantes viram o horizonte, a imagem era uma vegetação espaçada com árvores verdes e torcidas, mas quando começamos a nos mover no Cerrado, fomos explorando os detalhes como a textura das folhas e troncos, sons, cheiros, insetos, vestígios de outros animais. De acordo com Edensor (2010, p.8, tradução nossa):

O ritmo é produzido pelo corpo ativo, bem como a sua interação com os recursos particulares da natureza. Esses ritmos somáticos internos e performativos são entrelaçados com a visão, sons e cheiros encontrados, animais, plantas, rochas, cores, efeitos de luz, água, formas de relevo, a composição de inúmeros elementos que atraem a atenção, perto e à distância, à medida que a caminhada prossegue.

Esses cenários são complementares e mostram que o local não é estável e há uma vida pulsante e vibrante acontecendo neste espaço-tempo. Para Wylie (2005), a distinção entre os detalhes que você pode tocar e a visão interminável configuram uma moda específica (e eu acrescentaria) espetacular.

Durante a discussão pós-caminhada, Frederico apreciou participar de uma caminhada sem guias ou tarefas como atividades tradicionais para que ele pudesse tocar os galhos das árvores e ouvir os pássaros espontaneamente. Isso está em consonância com a educação da atenção (INGOLD, 2001), que refuta a ciência cognitiva clássica e envolve uma perspectiva mais fenomenológica e ecológica, levando a uma aprendizagem corporal e visceral em vez de transmissão de estoque acumulado de representações. Seguindo essa afirmação, Davi acrescentou durante a discussão pós-caminhada que aprendemos com nossa experiência e não com as experiências das outras pessoas. Isso é fundamental para a experiência estética da natureza: não percebemos e atribuímos significado ao mundo apenas pelas representações (vídeos, livros, fotos, etc.) ou pela tecnologia desenvolvida para substituir o nosso ser corporal.

REFLEXÕES INICIAIS

O corpo ambulante na natureza interpreta espaço e lugar, proporcionando uma resposta afetiva e criativa e, certamente, o engajamento e a incorporação das pessoas com o mundo mais que humano. Uma vez que isso se torna uma experiência intencional, pode ser caracterizado como um processo reflexivo e de autoconsciência e apropriação do Cerrado e pode ser poderoso para posições éticas e políticas. Aqui está um dos limites deste manuscrito: não conseguimos alcançar a articulação entre a experiência de caminhada e as implicações éticas e políticas que surgiram. No entanto, consideramos essa camada da realidade (experiência estética) como fundamental para compreender quem somos no mundo e as escolhas diárias que fazemos.

A fenomenologia procura compreender a experiência que ocorre em um nível pré-reflexivo, antes da linguagem (MERLEAU-PONTY, 2006). Já que nosso objetivo é trazer à luz esse nível experiencial, não parece insuficiente acessá-lo e representá-lo "apenas" pelas entrevistas? A caminhada é uma abordagem promissora que merece ser explorada no campo da educação ambiental, especialmente em investigações que envolvem sentimentos, emoções e experiências estéticas da natureza. Em vez de ser uma ação dialógica e verbal, esta atividade é encarnada e multissensorial que envolve multidensões de corporalidade e conexões com as materialidades do

mundo mais do que humano. Segundo Thrift (2008), os pesquisadores devem desenvolver metodologias inovadoras e, em seguida, uma representação mais conveniente que responda à questão de pesquisa. O desafio nesta investigação foi como representar esses dados ecofenomenológicos (PAYNE, 2013) sem entrar em armadilhas da ciência social tradicional que são formas sedentárias e racionais de linguagem. Ao caminhar, comer e compartilhar os ritmos nosintonizamos com o Cerrado, então, quais são as possibilidades de organizar e representar esses sentimentos e emoções? Esta discussão nas investigações móveis e na pesquisa em educação ambiental é fundamental, uma vez que esses estudos tratam de questões afetivas, estéticas e éticas. Deste modo, recomendamos mais estudos sobre esta metodologia e alternativas de representação da experiência.

Finalmente, a perspectiva de escrever uma *narrativa ecopoética* em um contexto em que participantes e pesquisadores foram imersos na mesma experiência traz um ponto chave na pesquisa interpretativa que é o fato de questionar o conceito de objeto de estudo e pesquisador/a ou objeto percebido e observador. Ou seja, a pesquisadora fez parte da investigação, esteve junto vivenciando a experiência estética. Nesse sentido, a narrativa trouxe a visão de “nós” e “nosso”. Portanto, ao invés de descrever a experiência como aconteceu nas entrevistas, fomos todas/os envolvidas/os, cada um com seu corpo e percepção do mundo, de modo que a pesquisadora se tornou testemunha e participante também. Isso não é negar a entrevista e outras técnicas de coleta de dados, que até podem complementar e ampliar a discussão dos dados na pesquisa (IARED; OLIVEIRA, 2017; KUSENBACH, 2003).

REFERÊNCIAS

BIZERRIL, M. X. A. Children's perceptions of brazilian Cerrado landscapes and biodiversity. *The Journal of Environmental Education*, v. 35 n. 4, p. 47-58, 2004.

_____. O Cerrado nos livros didáticos de geografia e ciências. *Ciência Hoje*, v.32, n. 192, p.56-60, 2003.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Biodiversidade e Florestas. *Biodiversidade do cerrado e pantanal: áreas e ações prioritárias para conservação*. Brasília: MMA, 2007.

CANAPARO, C. *Geo-epistemology: Latin America and the location of*

knowledge. New York: Peter Lang, 2009.

CLOUGH, P.; HALLEY, J. (eds) *The affective turn: theorizing the social*. Durham, NC: Duke University Press, 2007.

COOPER, D. A *Philosophy of Gardens*. Oxford, UK: Clarendon Press, 2006.

DUARTE, L.M.G.; THEODORO, S.H. (Orgs) *Dilemas do Cerrado: entre o ecologicamente (in)correto e o socialmente (in)justo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

EDENSOR, T. Walking in rhythms: place, regulation, style and the flow of experience. *Visual Studies*, v. 25, n.1, p. 69-79, 2010

GALLAGHER, S. *How the body shapes the mind*. Oxford, UK: Clarendon Press, 2005.

GOMES, H. (Coord.). *Universo do Cerrado*. Goiânia: UCG, 2008.

HART, P. Preconceptions and positionings: can we see ourselves within our own terrain? In: STEVENSON, R.B. et al. *International Handbook of Research on Environmental Education*. New York: Routledge Publishers, 2013, p. 507-510.

_____. Transitions in thought and practice: links, divergences, and contradictions in post-critical inquiry. *Environmental Education Research*, v. 11, n. 4, p. 391-400, 2005.

HOTTON, V. *Walking practices in higher education: an inquiry into the teaching, writing, and walking practices of five contemporary academics*. 2015, 207p. Tese (Doutorado em Filosofia). Faculdade de Educação, Universidade de Simon Fraser, Burnaby, 2015.

IARED, V.G.; OLIVEIRA, H.T. Walking ethnography e entrevistas na análise de experiências estéticas no Cerrado. *Educação e Pesquisa*, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022017005008103&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 12 out. 2017.

IARED, V.G.; OLIVEIRA, H.T.; PAYNE, P. The aesthetic experience of nature and hermeneutic phenomenology. *The Journal of Environmental Education*, n.03, v. 47, p.191-201, 2016.

INGOLD, T. *Being alive: Essays on movement, knowledge and description*. London, UK: Routledge, 2011.

_____. Da transmissão de representações à educação da atenção. *Educação*, v. 33, n. 1, p. 6-25, 2010.

_____. *The perception of the environment: Essays on livelihood, dwelling and skill*. London, UK: Routledge, 2000.

_____. The temporality of the landscape. *World Archaeology*, v. 25, n.2, p.152-174, 1993.

INGOLD, T.; VERGUNST, J.L. (Eds). *Ways of walking: Ethnography and practice*

onfFoot. Surrey, UK: Ashgate Publishing, 2008.

JAMES, P. *Globalism, nationalism, tribalism*. London: Sage Publications, 2006.

JOHNSON, M. *The meaning of the body: aesthetics of human understanding*. Chicago, USA: University of Chicago, 2007.

KLINK, C.A.; MACHADO, R. Conservation of the Brazilian Cerrado. *Conservation Biology*, v.19, p. 707-13, 2005.

KUSENBACH, M. 'Street phenomenology: The go-along as ethnographic research tool', *Ethnography*, v.4, p. 455-485, 2003.

LEFEBVRE, H. *Rhythmanalysis: space, time and everyday life*. London: Continuum, 2004.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MYERS, M. Walking Again Lively: Towards an Ambulant and Conversive Methodology of Performance and Research. *Mobilities*, v.6, n.2, p. 183-201, 2011.

NEPSTAD, D.C. et al. Land-use in Amazonia and the Cerrado of Brazil. *Ciência & Cultura Journal of Brazilian Association for the Advancement of Science*, v. 49, p.73-86, 1997.

PAYNE, P. Vagabonding slowly: ecopedagogy, metaphors, figurations, and nomadic ethics. *Canadian Journal of Environmental Education*, v. 19, p. 47-69, 2014.

_____. (Un)timely ecophenomenological framings of environmental education research. In: STEVENSON, R.B. et al. *International Handbook of Research on Environmental Education*. New York: Routledge Publishers, 2013, p. 424-437.

_____. Postphenomenological Enquiry and Living the Environmental Condition. *Canadian Journal of Environmental Education*, v. 8, 169-190, 2003.

PHILLIPS, L. G. Walking in indeterminate spaces: Possibilities for political coexistence. *Qualitative Research Journal*, v.16, n.4, p. 314-330, 2016.

PINK, S. *Doing sensory ethnography*. London, UK: SAGE, 2009.

_____. An urban tour: The sensory sociality of ethnographic place-making. *Ethnography*, v. 9, n. 2, p.175-196, 2008.

_____. Walking with video. *Visual Studies*, v. 22, n.3, p. 240-252, 2007.

PINK, S.; HUBBARD, P.; O'NEILL, M. & RADLEY, A. Walking across disciplines: from ethnography to arts practice. *Visual Studies*, v.25, n.1, p.1 - 7, 2010.

RODRIGUES, C. O vagabonding como estratégia pedagógica para a "desconstrução fenomenológica" em programas experienciais de educação ambiental. *Educação em Revista*, v.31, n.01, p.303-327, 2015.

SHEETS-JOHNSTONE, M. *The corporeal turn: an interdisciplinary reader*. Exeter: Imprint Press, 2009.

- _____. *The Primacy of Movement*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.
- SHUSTERMAN, R. *Body consciousness: a philosophy of mindfulness and somaesthetics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- SLAVIN, S. Walking as Spiritual Practice: The Pilgrimage to Santiago de Compostela. *Body & Society*, v.9, n.3, p. 1–18, 2003.
- STEIL, C.A; CARVALHO, I.C.M. Epistemologias ecológicas: delimitando um conceito. *Mana*, v. 20, n.1, p. 163-183, 2014.
- SULLIVAN, S. *Living across and through skins: transactional bodies, pragmatism and feminism*. Bloomington, IN : Indiana University Press, 2001.
- THRIFT, N. *Non-representational theory: space, politics, affect*. New York and London: Routledge, 2008.
- VERGUNST, J. L. Taking a Trip and Taking Care in Everyday Life. In: INGOLD, T.; VERGUNST, J.L. (Eds). *Ways of walking: Ethnography and practice on foot*. Surrey, UK: Ashgate Publishing, 2008, p. 105-122.
- WIDLOK, T. The Dilemmas of Walking. In: INGOLD, T.; VERGUNST, J.L. (Eds). *Ways of walking: Ethnography and practice on foot*. Surrey, UK: Ashgate Publishing, 2008, p. 51-66.
- WYLIE, J. A single day's walking: narrating self and landscape on the South West Coast Path. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v.30, n.2, p.234–247, 2005.